

Aula 7

A RECONQUISTA CRISTÃ DA PENÍNSULA E A CONSTITUIÇÃO DO REINO PORTUGUÊS

META

Mostrar os movimentos de expulsão dos invasores e a consequência disso para o reino português.

OBJETIVOS

- Ao final desta aula, o aluno deverá:
- reconhecer a afirmação do português à medida que a área original do condado portugalense se expandia em direção ao sul da Lusitânia;
 - identificar os contatos lingüísticos entre árabes e moçárabes, durante o processo de expansão territorial;
 - e distinguir os primeiros textos escritos em galego-português com o objetivo de captar diferenciações lingüísticas já visíveis entre esses dois idiomas.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre o legado cultural e lingüístico dos árabes na Península Ibérica.

Antônio Ponciano Bezerra

INTRODUÇÃO

Acompanhamos, na aula anterior, a ocupação e o avanço dos árabes no solo da Península Ibérica e, conseqüentemente, a sua fixação e permanência em núcleos estratégicos do território hispânico.

O primeiro e grande avanço árabe atinge quase todo o espaço peninsular, com exceção apenas de pequenos focos de resistência amparados pelas montanhas do Norte, isto é, pela região montanhosa das Astúrias.

Os cristãos que aí se refugiaram, limitaram-se, durante o século VIII, a aproveitar as dissensões internas entre os próprios muçulmanos para estenderem o seu escasso território pelos vales do rio Douro, evitando, assim, contato ou aproximação com o inimigo.



Imperador Carlo Magno
(Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

REINO PORTUGUÊS

Nesse contexto, Afonso I (739-757), rei das Astúrias, também conhecido como “o católico”, na busca do território perdido, enfrenta decisivamente os muçulmanos e amplia bastante o seu domínio territorial. O seu sucessor, Afonso II (792-842), alia-se a **Carlo Magno** e expulsa os mouros de toda a parte Noroeste da Hispânia.

Ver glossário no final da Aula

O historiador português, José Hermano Saraiva, referindo-se a este período histórico de reconquista cristã, observa:

“As populações hispano-góticas dessas regiões (terras montanhosas da Galiza) puderam então levantar a cabeça e colocaram-se do lado dos asturianos contra os mouros. A Galiza foi uma das regiões da Península onde a luta entre os mouros e os cristãos foi mais ranhida e devastadora e essa circunstância teve importantes conseqüências na modelação de alguns traços sociais da população que aí se instalou, e que viria mais tarde a ser origem da sociedade medieval portuguesa”.

Ora, no decorrer dos anos, a cada reconquista definitiva (que até o ano de 900, já se estendia até o rio Douro), a partir de 950 (século X), esses limites avançavam de Sepúlveda, Salamanca e **Coimbra** (esta última encaixada em terras centrais de Portugal), seguindo o curso do rio Mondego até a região de Pamplona (Espanha atual).

Ver glossário no final da Aula

As terras que se iam desagregando do domínio árabe ao mesmo tempo tornavam-se possessões cristãs, chegando a formar certos núcleos distintos: o asturiano que deu origem ao reino de **Oviedo** e depois ao de Leão e ao condado de **Castela** (independente durante alguns anos, depois transformase em reino, unindo-se ao reino de Leão em 1037 - século XI).

Do denominado núcleo pirenaico, saíram os reinos de Navarra, Aragão e o condado de Barcelona.

Vale frisar que, nesses contextos, reina uma imprecisão de limites geográficos e de domínio político. No âmbito desta imprecisão de fronteiras é que aparece, com frequência, referências ao nome da Galiza (noroeste da Península), que, ora se diz tratar-se de reino, ora de condado, cuja extensão atingia, na época, o curso do rio Douro, região, aliás, onde havia terras, ou territórios, governados por condes subordinados ao reino de Leão.

Podemos compreender que todo esse complexo (partes reunidas) de regiões, terras, territórios, núcleos (Galiza, Astúrias, Leão, Castela, Navarra, Aragão e Catalunha), que se tornaram livres do domínio muçulmano e se afirmaram como entidades políticas distintas, conseqüentemente, correspondiam também a núcleos lingüísticos distintos. Em cada uma dessas regiões, floresceu um romance peculiar: o galego-português, o asturo-leonês, o castelhano, o narravo-aragonês e o catalão.



Mapa do Condado Portucalense (Fonte: <http://bp2.blogger.com>).

Retomando, ainda, a situação das terras da Galiza (isto é, do noroeste da Península, “Galécia Magna” que vinha até a região de Aveiro – próxima a Coimbra), para uma compreensão mais precisa, é importante ressaltar que, desde o século IX, têm-se notícias de uma região pertencente ao condado portugalense, como os demais, também de fronteiras muito vagas, mas que abrangia terras no Minho (rio) e ao sul do Douro. A denominação provinha da principal povoação da localidade “Portocale”, situada à foz do rio Douro.

Ainda, nos finais do século IX, esta povoação é restaurada, no sentido de “reocupada” por condes. O caso mais conhecido é o que se refere ao famoso Vimara Peres, pai de Lúcido Vimarani, um antropônimo “Vimarani” que se tornará topônimo “uimarani”, “Guimarães”. Depois alça à categoria de condado (de Guimarães), berço da nacionalidade portuguesa, como veremos à frente ainda nesta aula. (Considerar a “árvore genealógica” em anexo).

Esta é, então, a origem da povoação que serviu de capital ao condado e que teve uma importante função política nos primeiros momentos da vida nacional portuguesa.

No decorrer do século X, esta região, que gozava de uma semi-independência, em relação ao reino de Leão, cresce muito e revela uma força política que desagrade ao rei D. Fernando I.

A partir de 981, um bem sucedido ataque muçulmano desencastela a dinastia dos condes portugueses iniciada pela poderosa família “vimarani”, que só virá a ser retomada com Henrique de Borgonha.

Assim, nos fins do século XI, o rei Afonso VI, de Castela e Leão, reúne as condições políticas para aperfeiçoar a administração do seu reino, agora, sob a influência da **Abadia de Cluny** (dos beneditinos), com sede na França, desencadeia reformas e passa a gozar de grande força e prestígio na Europa cristã. É a ligação com a Ordem de Cluny que explica a vinda à Península Ibérica, em missão de apoio às lutas de reconquista, de dois nobres da casa dos duques de **Borgonha**: D. Raimundo e D. Henrique. Pelos feitos gloriosos em favor da coroa castelhana, D. Afonso VI concede a mão de suas duas filhas: D. Urraca, filha legítima e herdeira do trono, casa-se com D. Raimundo, ao qual foi entregue a Galiza. A sua filha bastarda D. Tareja (Teresa) casa com D. Henrique que recebe o condado de Portocale, passando, então, a ser senhor de toda a região ao sul do Minho, que coincide com os limites romanos antigos entre os conventos jurídicos desse território, só que, agora, dispõe de uma denominação própria.

O filho de D. Henrique (duque de Borgonha), D. Afonso Henriques, incentivado e apoiado por uma nobreza local, que alimentava a idéia de uma corte independente para a região, reacende a aspiração de autonomia do condado portugalense.

Segue-se uma série de episódios conflitantes, até que, em 1143, face ao Tratado de **Zamora**, D. Afonso Henriques intitula-se rei. Em 1179, o papa Alexandre III reconhece a independência de **Portugal**.

Ver glossário no final da Aula

Nas lutas de reconquista, o povo desempenhou ação decisiva, embora não exista uma documentação precisa a esse respeito. A diferenciação social e a afirmação da língua portuguesa acompanhavam paralelamente o alargamento do território.

Já nos referimos antes sobre o caráter arcaizante dos falares ibéricos. Esta situação vai continuar a mesma em relação ao novo domínio do reino portugalense. Só a título de exemplo, vale mostrar que, no plano lexical, certas mudanças da história deixaram as suas marcas. A região noroeste de Portugal (fronteira da Galiza) representa uma fusão de etnias: os nativos pré-romanos, os romanos, os suevos e os visigodos, que se mantiveram estáveis até mesmo após as invasões árabes.

Com efeito, esta estabilidade (de uma densa população e de hábitos sociais) se reflete também numa tendência conservadora que vai justificar a permanência, sobrevivência, de tipos lexicais arcaicos. Este é o caso (que não é o único) da palavra “anho”, substituída por “carneiro” ou por “borrego”, em outras partes do território português. A designação “anho” permanece na área de origem dos falares galegos (Noroeste da Península); a forma “carneiro” é empregada e se espalha por regiões dialetais portuguesas tidas como setentrionais; já a expressão “borrego” domina uma grande área relativa ao restante do território (ver mapa).

A estes exemplos, muitos outros se somam, como podemos constatar a partir de designações mais antigas e de origem latina como: “sega”, “cesto”, “gruta” e “bolso”, de uso nortenho, por influência moçárabica, correspondem aos vocábulos “ceifa”, “alcofa”, “algar” e “algibeira”, nas regiões mais ao sul de Portugal.

CONCLUSÃO

As diferenciações que caracterizam as regiões culturais e lingüísticas correspondentes ao galego e ao português vão se adensando, à medida que os laços políticos entre a Galiza e o novo reino de Portugal vão também se distanciando. O reino de Castela procura impedir a passagem (o trânsito) entre as fronteiras que limitam a Galiza e Portugal, enquanto o nascente reino procura-se entender na direção norte-sul até as margens do Mediterrâneo. Com a separação, vai ficando o galego entregue à sua própria sorte e o português avança na constituição de língua autônoma.

Desse processo de autonomia, a influência francesa (via a cultura aristocrática e clerical), os novos contatos com árabes e moçárabes contribuem para renovar hábitos culturais e lingüísticos, a emigração de camponeses para as cidades da **Estremadura** e do **Alentejo**, as modificações da corte régia face à progressiva extensão e complexidade dos novos domínios políticos, as diversas fases de enfrentamento com os árabes, a influência da cultura literária provençal são alguns dos marcos que agem, de maneira lenta, mas profunda, na formação lingüístico-cultural de Portugal, entre os séculos XI e XIV.

Ver glossário no final da Aula



Templo de Diana, em Évora, Portugal (Fonte: <http://www.portugalvirtual.pt>).



RESUMO

Nos princípios do século VIII (711), a Península Ibérica (como vimos na aula anterior) torna-se palco de novo objeto de invasão e conquista, desta vez por parte dos árabes que a dominaram quase inteiramente.

Refugiados ao Norte da Península, na região montanhosa das Astúrias, os cristãos, auxiliados por nativos locais, por volta do século IX, dão início ao processo de reconquista das áreas ocupadas pelos muçulmanos.

Este movimento de expulsão culmina por reunir contra os mouros, não só a população de Leão e Castela, mas cristãos de várias outras partes da Europa. Neste contexto é que se insere D. Afonso Henriques, filho de D. Henrique de Borgonha, um nobre francês, a quem o rei D. Afonso IV concedeu a mão de sua filha bastarda D. Tareja, em reconhecimento de seus feitos à coroa de Leão e Castela. D. Afonso Henriques sagra-se rei de Portugal, após vários episódios e dissensões políticas junto à corte castelhana.

A partir de então, o reino português inicia um processo de consolidação política, territorial e lingüística.



ATIVIDADES

1. Assimilar e descrever as etapas principais relativas ao processo de reconquista cristã até o aparecimento do condado portucalense;
2. Como relacionar a reconquista cristã e o nascimento do reino português?
3. Como ficam as relações lingüísticas, culturais e políticas entre galegos e portugueses, após a independência do reino de Portugal?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Observem que os cristãos esperavam que os árabes se desentendessem e fraquejassem para que a sua retomada territorial fosse vitoriosa como de fato foi.



PRÓXIMA AULA

Você acabou de ver a contribuição do reino português. Logo mais conhecerá o contato lingüístico entre o galego e o português.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Jobson de. **História antiga e medieval**. São Paulo: Ática, 1977.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Padrão Editora, 1975.
- CELSO, Cunha. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1972.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico S/A, 1976.
- LOYN, H. R. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Coleção Saber Europa América, 1983.

GLÓSSARIO

Carlo Magno: Rei dos francos (768-814). Grande figura lendária e histórica, da Idade Média francesa, criador do Império Carolíngio que faz florescer a arte, a arquitetura, a literatura e um novo tipo de escrita (carolíngia) medieval.

Oviedo: Antiga capital do principado das Astúrias. Hoje, capital da província do mesmo nome. Foi a primeira corte dos reis de Leão.

Coimbra: Distrito formado de uma parte da antiga província do Douro, situada às margens do rio Mondego. Juntamente com a capital do país, Lisboa, Coimbra é referência para o padrão lingüístico português até os dias atuais.

Castela: Antiga Cantábria, região insubmissa ao domínio visigótico, dá origem ao nome “Castilla” ou “Castella”. No início, “Castilla” designava um conjunto de condados dependentes de “León” (Leão). Depois torna-se independente e chega à supremacia, na Espanha cristã.

Leão: Antigo reino da Espanha, fundado em 910 d.C. e reunido a Castela.

Vimaranis: Denominação originária do antropônimo Vimara Peres, de onde deriva “Vimaranis – Vimarães – Guimarães”.

Abadia de Cluny: Fundada em 910, pelo duque Guilherme, o piedoso, da Aquitânia, região da França medieval. Ligada à Ordem dos beneditinos, de obediência direta ao papado, sua influência, na Europa medieval, é vastíssima e centrada na reforma moral da igreja católica.

Borgonha: Região da França, na Idade Média. O reino de Borgonha tem início no século V d. C. A partir do século XI, o ducado de Borgonha se alia às cruzadas, nas missões de reconquista cristã, sobretudo, na Península Ibérica. Desses feitos vitoriosos, nasce a primeira dinastia portuguesa.

Zamora: Cidade da Espanha. Na época do reino de Leão, pertencia à Dona Urraca, filha de D. Fernando I. Sancho II, filho de D. Fernando I, foi assassinado junto aos seus muros pelo infiel Bellido Delfos.

Portugal: Antiga povoação situada junto à foz do rio Douro, local hoje ocupado por Vila Nova de Gaia. Era a principal povoação de um dos condados em que estava dividido o condado da Galiza. O nome “Portugal” vem do latim “portus” e “calle” – nome de um castelo sobranceiro à povoação (Porto do Castelo), mais tarde formou o nome “Portucalle” = Portugal.

Estremadura: Antiga província de Portugal. Sua capital é Lisboa. Definitivamente conquistada por D. Afonso Henriques e pelos seus sucessores que destruíram o domínio árabe no local.

Alentejo: Antiga província de Portugal, a mais vasta. A sua capital é Évora e se caracteriza por ser uma região de grandes latifúndios. O Alentejo foi palco de grandes batalhas (gloriosas) contra os espanhóis.